

Apontamentos da História da Psicologia

Editores: Clara Duarte, Eduarda Costa, Emiliania Ferreira, Francisca Gonçalves, Maria Sousa Pires

Aquisição de comportamentos violentos através da observação

Nova experiência de Albert Bandura tenta perceber se as crianças aprendem comportamentos agressivos através da observação dessas atitudes em adultos.

Para Albert Bandura, as teorias de Skinner, Watson e Pavlov, não eram suficientes para explicar o comportamento humano. Influenciado pela Aprendizagem Social e Imitação de Miller e Dollard (1941), defendia que o homem podia aprender também pela observação e que o processo de aprendizagem seria constituído por tendências e condições cognitivas do indivíduo. Assim, acreditava uma interação contínua entre comportamento, cognição e ambiente e iniciou os seus estudos neste sentido.

No início de 1950, deu início a um programa de investigação que se debruça sobre os fatores que influenciam o comportamento social. A ideia principal da sua teoria é a de que as pessoas aprendem através da observação do comportamento de outras pessoas. Adicionalmente, acredita ainda que o reforço não é fundamental para que ocorra aprendizagem, apesar de aceitar que o mesmo pode facilitar a mesma.

Segundo Bandura, quem se toma por modelo também é um fator importante. O modelo deve ser atrativo e interessante para a pessoa que o observa. Possíveis modelos seriam, por exemplo, pais, irmãos, colegas, professores ou até os meios de comunicação, havendo, atualmente, uma preocupação



com os possíveis efeitos destes últimos nas crianças. Para tentar demonstrar a sua teoria em relação à imitação de comportamentos, como a violência ou a agressividade, em 1961, Albert Bandura, Dorothea Ross, e Sheila A. Ross, publicaram o estudo *Transmission of Aggression Through Imitation of Aggressive Models*, mais conhecido como a experiência do Bobo Doll. Nesse estudo, crianças foram expostas a modelos adultos com comportamentos agressivos e não agressivos, ao vivo e em filme, e, de seguida, foi testada a quantidade de aprendizagem na ausência do modelo.

Para a experiência, foram utilizados dois modelos: uma mulher e um homem. Quanto às crianças, selecionaram-se 36 meninos e 36 meninas na Escola Infantil da Universidade de Stanford, entre os 37 e os 69 meses. As crianças foram analisadas individualmente com base em quatro escalas que mediam a agressão física, verbal e a objetos inanimados e a inibição agressiva que as crianças exibiam na creche, de forma a serem distribuídas de forma equilibrada pelos grupos. Assim, foram divididas em três grupos com 24 elementos: dois experimentais

e um grupo de controle.

Seguidamente, um grupo experimental foi exposto a modelos agressivos e o outro grupo foi exposto a um modelo pacífico. Estes grupos foram, ainda, subdivididos em meninas e meninos para que metade das crianças observasse um modelo do mesmo sexo e a outra metade um modelo do sexo oposto. O grupo de controle não foi exposto a nenhum modelo.

As crianças foram levadas individualmente, pelo experimentador, até à sala experimental onde se sentaram numa mesa com várias atividades disponíveis. No caso da condição agressiva, o modelo foi convidado pelo experimentador a entrar e a participar nas atividades, sendo-lhe atribuído um canto da sala com um boneco inflável de 1.5 metros (a que se deu o nome "Bobo"), uma marreta, e uma atividade idêntica à da criança. Após o experimentador sair da sala, no caso da condição de agressão, o modelo começou a agredir fisicamente (com as mãos, pés e marreta) e verbalmente o boneco. A criança assistiu a tudo isto, enquanto desempenhava a sua atividade. Já na condição pacífica, o modelo apenas brincava com o jogo disponível de forma

serena.

Numa terceira fase, todas as crianças foram conduzidas individualmente para uma antessala e foram sujeitas a uma situação levemente agressiva ou stressante, incluindo as do grupo de controle. Posteriormente, foram autorizadas a brincar com vários brinquedos atrativos. Contudo, passado algum tempo, o experimentador levou os brinquedos e disse-lhes que estes estavam reservados para outras crianças, mas que poderiam brincar com qualquer um dos brinquedos da sala ao lado. Por fim, já na sala experimental, onde estava presente o Bobo e alguns brinquedos violentos, como um martelo e uma arma, e alguns brinquedos não violentos, a criança foi avaliada durante 20 minutos.

As hipóteses de Bandura nesta investigação eram as seguintes: as crianças que foram expostas a modelos agressivos mostrariam significativamente mais atos agressivos imitativos do que aquelas que foram expostas a modelos não agressivos e do que o grupo de controle; as crianças que foram expostas a modelos pacíficos mostrariam um comportamento menos agressivo do que o grupo de

Sobre Bandura

Albert Bandura nasceu na província canadiana de Mundare, Alberta, a 4 de dezembro de 1925. Matriculou-se em Ciências Biológicas na University of British Columbia e decidiu inscrever-se também em aulas extras do curso de psicologia. Foi nessas aulas que desenvolveu o seu interesse pela área. Licenciou-se em 1949 e partiu para o centro acadêmico da psicologia teórica: a Universidade de Iowa. Nesta instituição obteve o seu mestrado em psicologia clínica em 1951 e o seu doutoramento em 1952.

Em 1953 começou a trabalhar na Universidade de Stanford, onde trabalha até hoje. Inicialmente, debruçou-se sobre a agressividade na adolescência e, atualmente, interessa-se pela aprendizagem, modelação e imitação.



controlo; os rapazes mostrariam uma agressividade mais imitativa do que as raparigas; as crianças imitariam o comportamento do modelo do mesmo sexo em maior grau.

Os resultados foram consistentes com as hipóteses, exceto com a de que o grupo que foi exposto a uma atividade pacífica teria um comportamento menos agressivo do que o de controlo, uma vez que foram registados praticamente os mesmos resultados para ambos os grupos.

Com o intuito de dar continuidade a este estudo, este ano, Albert Bandura, Dorothea Ross, e Sheila A. Ross, publicaram o artigo *Imitation of film-mediated aggressive models*. Desta vez, o objetivo foi verificar se haveria imitação do comportamento agressivo após a criança ser exposta a um filme ou a um desenho animado, e se haveria muita diferença entre as duas condições (ser exposta na vida real ou assistir ao filme).

Assim, a experiência deste ano foi praticamente igual à original (de 1961), apenas diferiu o número de participantes e a sua organização. Neste caso, foram selecionados 48 meninos e 48 meninas e, posteriormente, subdivididos em quatro grupos: três experimentais e um de controlo. Relativamente aos grupos experimentais, fez-se o seguinte: o primeiro grupo foi exposto aos atos de violência de forma idêntica à

experiência original; o segundo grupo assistiu a um filme, com os mesmos modelos da vida real a agredirem o Bobo (boneco inflável da experiência original) por 10 minutos; e o terceiro assistiu a um cartoon, onde um gato preto agredia o Bobo durante o mesmo período de tempo. O segundo e terceiro grupos assistiram ao filme ou ao cartoon numa sala semiescura e foi-lhes atribuída a mesma atividade que na experiência original. De seguida, todos os grupos foram encaminhados para uma antessala, onde foram sujeitos à mesma situação stressante original. Seguidamente, passaram para a sala experimental, onde estava novamente presente o Bobo e alguns brinquedos agressivos. Os resultados foram semelhantes aos da experiência anterior, adicionando o facto de que se verificou que a observação do filme e do cartoon também gerou um comportamento imitativo agressivo tanto ou mais elevado do que o comportamento das crianças que presenciaram a agressão na vida real.

A investigação de Bandura surge num momento em que se sente alguma preocupação geral, relativamente ao conteúdo agressivo que é apresentado pelos meios de comunicação e pelos filmes. Embora os resultados desta experiência venham, de certa forma, confirmar os efeitos negativos que estes conteúdos podem ter nas pessoas,

especialmente nas crianças, ao mostrarem que ocorre aprendizagem de atitudes agressivas apenas pela observação, estes resultados constituem também uma oportunidade para incentivar à mudança.

Com este novo conhecimento, vem também a curiosidade para experimentar mais e fazer mais perguntas que permitam chegar a novas conclusões. Já se sabe, por exemplo, que nem tudo o que é observado é imitado. Existem alguns mediadores para que a aprendizagem observacional ocorra, como a atenção, retenção, reprodução e motivação.

A punição ou a recompensa que o modelo recebeu vai ser uma grande motivação para realizar, ou não, o que se observou. Além disso, o nível de familiaridade ou a relação que se estabelece com o modelo também influencia a aprendizagem e deve ser considerado. Por isso, não se devem tomar os resultados de Bandura como uma “sentença” de agressividade incontornável e inevitável para crianças que assistam a conteúdos mais negativos em filmes ou meios de comunicação.

No entanto, pode dizer-se que Bandura concluiu que a aprendizagem observacional é uma parte importante do processo de socialização: é a observar como as pessoas se comportam em sociedade que aprendemos a fazer o mesmo. No caso das crianças, estas também aprendem a interagir com os outros com base na

observação, geralmente, pela forma como os seus pais ou cuidadores interagem com os outros. Esta visão pode ajudar a explicar como se dá a aquisição de valores e se molda a forma de ver o mundo, sendo um possível caminho a explorar no futuro para se compreender melhor o conceito de cultura.

Para já, sobre o futuro, podemos apenas afirmar que, certamente, ainda ouviremos falar bastante de Albert Bandura.

50 de Behaviorismo

Recordamos o aparecimento do behaviorismo, os obstáculos à sua aceitação e a influência que teve ao longo destes 50 anos.

Este foi o ano em que celebrámos 50 anos da introdução do conceito de behaviorismo por John B. Watson (1878-1958). Com a publicação de “Psychology as the Behaviorist Views it” em 1913, Watson apresentou uma visão experimental da psicologia, com o objetivo de prever e controlar o comportamento. Nessa mesma publicação, que ficou conhecida como o manifesto do behaviorismo, defendeu que a psicologia pertencia às ciências naturais, definiu um conjunto de objetivos para alcançar uma psicologia mais científica e rejeitou por completo a investigação baseada na introspeção, um método que a maioria dos seus

pares seguia.

Watson aproveitou a oportunidade para elaborar sobre o porquê de achar que a introspeção e a consciência deviam ser descartadas da área da psicologia e defendeu um foco no estudo do comportamento apenas. Deste modo, estabeleceu como objetivo da psicologia a previsão e o controlo do comportamento,

fundamentando-se na crença ousada de que, num sistema S-R (estímulo-resposta) maduro, “tendo a resposta, os estímulos podem ser previstos; tendo os estímulos, a resposta pode ser prevista”.

Embora saibamos que, atualmente, esta visão da psicologia está a perder terreno para a retoma do estudo da cognição, e que o seu “fenómeno” foi maioritariamente alimentado pelos psicólogos americanos, é importante olharmos para trás e vermos o seu desenvolvimento e influência nas últimas cinco décadas. Logo após o manifesto, em 1913, o conceito de behaviorismo não teve o grande impacto revolucionário e imediato que é comumente relatado. A maioria dos psicólogos continuou a seguir os métodos que já conhecia e preferia, notando-se uma dependência particular na introspeção e no gestaltismo, entre outras práticas que não estavam focadas no comportamento, tal como ditava o behaviorismo.

Contudo, na década de 1930, a sua importância começou a notar-se na psicologia experimental americana. Em parte, devido à propagação contínua de Watson, mas também graças às traduções da investigação de Ivan Pavlov (1849-1936) sobre condicionamento clássico, que ficaram disponíveis pela primeira vez. O entusiasmo da

população americana com a promessa do behaviorismo, o reconhecimento da importância dos estudos de Pavlov sobre condicionamento e uma aceitação generalizada da operacionalização e do positivismo lógico, promoveu o aparecimento de um movimento em psicologia a que se chamou neobehaviorismo.

Durante a era do neobehaviorismo (1930-1960), as pesquisas e teorias dos seus seguidores focaram-se na maneira como ocorre a aprendizagem de comportamentos, o que acabou por levar a grandes divisões e desentendimentos dentro do movimento. Apesar dos obstáculos, este movimento produziu conhecimento importante sobre uma variedade de fenómenos de aprendizagem, recorrendo, sobretudo, a experiências com animais. Desse conhecimento, destacamos três princípios: a continuidade entre as espécies permite que regras gerais de comportamento sejam derivadas de espécies não humanas (daí os estudos com animais); a compreensão do comportamento exige um conhecimento completo de como o organismo aprende; e os resultados de qualquer pesquisa devem ter aplicações práticas. Entre os neobehavioristas mais proeminentes, podemos destacar nomes como: Edwin R. Guthrie (1886-1959), Edward C. Tolman (1886-1959), Clark Hull (1884-1952) e B. F. Skinner (1904-).

Enquanto voz ainda ativa do movimento, temos Skinner que, com uma visão mais radical do behaviorismo, rejeita as teorias de Tolman e Hull, defendendo um caminho mais descritivo e indutivo. Atualmente, é mais conhecido por desenvolver a distinção entre condicionamento clássico

e operante. Segundo Skinner, falamos de condicionamento operante quando o comportamento é moldado pelas consequências imediatamente associadas ao mesmo: se forem positivas, um comportamento mostrado num determinado ambiente tem maior probabilidade de ocorrer nesse ambiente no futuro; se forem consequências negativas, é menos provável que ocorra. Nos dias de hoje, Skinner continua dedicado à investigação do condicionamento operante.

Raro é o conceito que é unanimemente aceite, aquando do seu surgimento, e o behaviorismo claramente não é uma exceção. No entanto, é inegável a sua influência na área da psicologia, mesmo que, para muitos, tenha apenas servido para os guiar noutra direção, como a da psicologia cognitiva. Nos próximos anos, vai ser interessante observar um possível renascimento ou declínio total desta teoria que, certamente, ainda vai dar que falar.

Stanley Milgram questiona a submissão à autoridade

As controversas experiências de Milgram sobre obediência e submissão à autoridade na Universidade de Yale estão a dar que falar. Num artigo publicado no *Journal of Abnormal and Social Psychology*, Milgram partilha os resultados do seu estudo.

Stanley Milgram terminou o seu doutoramento em psicologia social na Universidade de Harvard, em 1961. Atualmente, é professor assistente na Universidade de Yale (desde 1960) e no

Departamento de Relações Sociais em Harvard (desde o ano presente).



Nascido em 1933 e judaico, Milgram, para além de ter vivido toda a sua infância e a maioria da adolescência durante a 2ª Guerra Mundial, foi também pessoalmente afetado pela perseguição durante o Holocausto, juntamente com a sua família.

A influência destas vivências é visível na investigação científica que liderou, denominada “Obediência à Autoridade”, cujos resultados foram publicados este ano num artigo no *Journal of Abnormal and Social Psychology*.

Pelo que conseguimos apurar, foram os eventos do Holocausto e da 2ª Guerra Mundial que levaram Milgram a começar a explorar este campo da obediência à autoridade, uma vez que lhe parecia inacreditável que pessoas aparentemente saudáveis e socialmente bem-ajustadas poderiam cometer crimes contra a humanidade, tais como tortura, assassinatos e abusos contra civis, testemunhados durante o período do Holocausto.

Milgram começou por analisar o julgamento de Adolf Eichmann, um dos principais organizadores do Holocausto e dos mais altos militares da polícia nazista Schutzstaffel, abreviada para SS, uma organização paramilitar associada ao Partido Nazista e a Adolf Hitler na Alemanha e que, mais tarde, acabou por se estender um pouco mais pela

Europa. Eichmann geriu as deportações em massa dos judeus para campos de extermínio e guetos.

Contudo, no seu julgamento, afirmou não ser o líder responsável, mas sim apenas um, entre muitos outros, que foi forçado a juntar-se à causa.

Assim, o objetivo da experiência de Milgram foi estudar a reação de indivíduos, face a indicações ou ordens concretas de outras pessoas com maior autoridade. A obediência era medida nesses indivíduos, através de ações realizadas pelos mesmos, graças a uma submissão à autoridade (seguimento de uma ordem), e que implicavam comportamentos fortes de sofrimento para outros.

Os participantes desta experiência responderam a um anúncio publicado num jornal e, para serem aceites, teriam de ser do sexo masculino e ter entre 20 e 50 anos de idade. Como recompensa, recebiam 4,50 dólares pelo tempo disponibilizado.

Relativamente ao procedimento da experiência, numa primeira fase, eram necessárias três pessoas: um investigador da equipa de Milgram; um aluno, que seria um ator a representar o papel de quem recebia os choques, também da equipa de Milgram; e, por fim, um professor, que seria um dos voluntários que respondeu ao anúncio. O professor começava por realizar diversas associações de palavras e o aluno deveria responder corretamente às mesmas. A cada resposta errada, o aluno fingia receber um choque (o que não acontecia de verdade), de forma a perceber até que ponto os participantes estavam dispostos a aplicar choques cada vez mais intensos. Ao aluno ator foram-lhe dadas instruções sobre como agir, segundo o suposto aumento de aplicação de choques. A experiência começava com uma aplicação de 15 V, aos 75V devia gemer, com 120V reclamar com o experimentador sobre estar a sentir dor, com 135V uivar, aos 150V implorar para ser solto, com 270V dar um grito violento e aos 300V teria de dizer que já não iria responder mais. Para dar início à experiência, o voluntário apresentava-se para participar na mesma, sem saber que seria avaliado, de forma a que pudesse ser examinada a sua capacidade de obedecer. Seguidamente, levavam-no até uma sala com uma máquina (falsa) de infligir choques, onde lhes era atribuído o papel de professores. Durante a experiência, os professores voluntários conseguiam ver as pessoas a “levar choques”, mas o inverso não era possível.

A máquina era ligada a uma pessoa mais velha, sendo que a equipa de Milgram escolhia de preferência pessoas mais idosas e que aparentassem ser

afetivas. De seguida, o voluntário era instruído pelo investigador a aplicar um choque, sempre que o indivíduo que estivesse a responder errasse, e a cada resposta errada aumentar-se-ia 15 V na aplicação do choque seguinte.

O que se observou ao longo deste teste foi que o participante que desempenhava o papel de professor começava a hesitar na aplicação dos choques, dado que era bastante visível que a outra pessoa demonstrava estar em sofrimento e que, se chegasse aos 450V, poderia mesmo causar a morte do indivíduo. A maioria dos professores começavam a questionar a obediência por volta dos 150V e inquiriam o experimentador, o qual tinha como função tranquilizá-los e incentivá-los a prosseguir com a execução dos choques. Além disso, o experimentador também garantia aos voluntários que a responsabilidade das possíveis consequências não seria deles, o que fazia com que muitos deixassem o seu sentimento de culpa de lado, por não se sentirem responsáveis, estavam apenas a seguir ordens.

No final, verificou-se que a maioria dos voluntários, cerca de 65%, obedeceram às ordens dadas, chegando mesmo a aplicar o choque fatal dos 450V. Estes resultados levaram Milgram a concluir que a maioria dos civis simplesmente cumpriam o seu trabalho, sem criarem aversão pessoal, mesmo com a possibilidade de serem os criadores de processos terrivelmente destrutivos e dolorosos.

Os participantes continuam a ter noção das suas ações, e que os seus comportamentos violam diversos direitos e moralidades, não sendo normalmente compatíveis com os seus comportamentos no dia

a dia. No entanto, poucas pessoas parecem ter os recursos necessários para resistir a ordens dadas por entidades superiores. A maioria não se impõe e acaba por se sujeitar à obediência à autoridade.

Obituário



John Fitzgerald Kennedy (1917-1963)
Membro da Câmara dos Representantes, Senador dos Estados Unidos, 35º Presidente dos Estados Unidos.



Mary Whiton Calkins (1863-1963)
Filósofa, psicóloga, 1ª mulher a tornar-se presidente da American Psychological Association e da American Philosophical Association.
Desenvolveu o seu sistema da psicologia do self.



Eduard Spranger (1882-1963)
Filósofo, pedagogo e psicólogo alemão. As suas obras analisam os efeitos da história e da cultura na ética e nas ações humanas



Rudolf Allers (1883-1963)
Psiquiatra, filósofo, professor universitário, psicólogo fez parte do primeiro grupo do fundador da psicanálise de Sigmund Freud; foi cirurgião militar do Exército austríaco.

Public Announcement

WE WILL PAY YOU \$4.00 FOR ONE HOUR OF YOUR TIME

Persons Needed for a Study of Memory

*We will pay five hundred New Haven men to help us complete a scientific study of memory and learning. The study is being done at Yale University.
*Each person who participates will be paid \$4.00 (plus 50c carfare) for approximately 1 hour's time. We need you for only one hour: there are no further obligations. You may choose the time you would like to come (evenings, weekdays, or weekends).

*No special training, education, or experience is needed. We want:
Factory workers Businessmen Construction workers
City employees Clerks Salespeople
Laborers Professional people White-collar workers
Barbers Telephone workers Others

All persons must be between the ages of 20 and 50. High school and college students cannot be used.

*If you meet these qualifications, fill out the coupon below and mail it now to Professor Stanley Milgram, Department of Psychology, Yale University, New Haven. You will be notified later of the specific time and place of the study. We reserve the right to decline any application.

*You will be paid \$4.00 (plus 50c carfare) as soon as you arrive at the laboratory.

TO: PROF. STANLEY MILGRAM, DEPARTMENT OF PSYCHOLOGY, YALE UNIVERSITY, NEW HAVEN, CONN. I want to take part in this study of memory and learning. I am between the ages of 20 and 50. I will be paid \$4.00 (plus 50c carfare) if I participate.

NAME (Please Print)

ADDRESS

TELEPHONE NO. Best time to call you

AGE OCCUPATION SEX

CAN YOU COME:

WEEKDAYS EVENINGS WEEKENDS